

OS NOVOS RECORTES INDUSTRIAIS DA BAHIA E SEUS PÓLOS EMERGENTES¹

Cláudio Soares Freire, Elisângela da Siva Pires, Ana Cibelle dos Santos Silva e
Thais Elislaglei Pereira Silva²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema os novos pólos industriais baianos e a sua inserção na economia do Estado, influenciando diretamente sua reorganização espacial e territorial. Este estudo pretende analisar a evolução da economia baiana – a partir do seu processo de industrialização, bem como a conformação espacial dos novos pólos industriais e as relações econômicas, políticas e sociais desenvolvidas no seu entorno – atrelada ao capital especulativo, vinculado ao processo de Globalização.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento das atividades, analisamos os diversos números da publicação do *Programa Estratégico de Desenvolvimento Industrial do Estado da Bahia*, o que propiciou um maior aprofundamento nas discussões teórico-metodológicas acerca de conceitos como: globalização, crescimento econômico x desenvolvimento econômico, ilhas de modernidade e modernização conservadora aplicados à realidade do nosso Estado. Portanto, nossa pesquisa é de cunho documental, na medida em que procuramos, junto aos órgãos governamentais ligados à área, o suporte teórico necessário para analisarmos esta nova dinâmica espacial da economia baiana.

RESULTADOS

A industrialização da Bahia (a partir da SUDENE) correspondeu à necessidade da desconcentração industrial nacional, que se aglomerava no eixo Sul/Sudeste, na tentativa de levar para outras regiões do País uma nova dinâmica econômica.

Na luta pela diversificação da produção, a Bahia procurou consolidar o seu crescimento produtivo a partir de indústrias estratégicas, principalmente no setor petroquímico, com a implantação do *Pólo Petroquímico de Camaçari* (década de 70) – responsável por suprir a região Centro-Sul de matéria-prima e atuar em núcleos industriais como o *Centro Industrial de Aratu* (CIA) e o do *Subaé* (CIS). Estes se caracterizam por sua proximidade dos grandes centros regionais, ou seja, a região metropolitana de Salvador e o município de Feira de Santana. O processo de industrialização do Estado definiu-se a partir daí, especializando-se em bens intermediários, a depender das disponibilidades energéticas e de matéria-prima.

Era do interesse do governo e do empresariado baiano a diversificação da produção do Estado, deixando de ser produtor de bens intermediários para ser produtor de bens finais, rompendo assim com a lógica da Divisão Nacional do Trabalho, em que a Região Nordeste trabalha para complementar a indústria de bens finais do Centro-Sul.

Para que isso acontecesse, seria preciso que algumas medidas fossem tomadas, dentre elas: interiorização do suporte energético e da malha viária; reestruturação do Parque Portuário Baiano e

¹ Relato de experiência de atividade de extensão e de pesquisa exploratória vinculada à disciplina Geografia da Bahia, sob a orientação do Professor, Especialista, do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da UEFS, Joilson Cruz da Silva.

² Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

rompimento de barreiras de caráter político. Porém, mesmo diante de tantos obstáculos, a Bahia oferecia para o empresariado nacional atrativos como: mão-de-obra barata, disponibilidade de matéria-prima a preços acessíveis, e uma política voltada para atrair novos investimentos a partir de incentivos fiscais e financeiros.

Quando se fala da modernização da economia baiana faz-se necessário falar também de Ciência e Tecnologia, para que, assim, o Estado possa pleitear seu espaço no cenário econômico contemporâneo, globalizado, que é ocupado por empresas de ponta.

A Bahia busca se transformar e enquadrar-se num novo contexto de centro produtor de bens de consumo, passando a desenvolver atividades que requerem um maior desenvolvimento tecnológico e científico. Nessa nova realidade, a indústria petroquímica baiana também teve que se modernizar, buscando desenvolver uma planta industrial de terceira e quarta geração, avançando por áreas como as fibras óticas, fármacos e outras.

A atração de novos investimentos, além de consolidar uma fase expansiva para a economia estadual, cria oportunidades para que se redefinam as bases produtivas setoriais e o ordenamento espacial dessas atividades. Isso mostra que todos os pólos industriais são de fundamental importância no crescimento da economia baiana, com a diferença, apenas, dos índices de participação e de investimento de cada um desses pólos.

O desenvolvimento industrial da Bahia assumiu, desde o seu princípio, uma configuração espacial concentrada, que refletia a estratégia de potencialização dos recursos aplicados. Os reduzidos volumes de inversões, associados às carências de infra-estrutura da região, inviabilizavam quaisquer movimentos de dispersão, sob pena de virem a comprometer os resultados do processo de industrialização estadual.

Ao longo da década de 80 algumas outras áreas ganharam certo destaque econômico. Entretanto, os movimentos de expansão observados não chegaram a se traduzir em uma nova conformação territorial da indústria, de modo que se perpetua, nos anos 90, um modelo de distribuição das atividades industriais concentradas no entorno da Região Metropolitana de Salvador.

Essa concentração das atividades na Região Metropolitana trouxe para a Salvador grandes problemas sociais, como o inchaço urbano – o que levou a uma precariedade na infra-estrutura urbana do Município; por outro lado, várias regiões do Estado sentiam-se carentes de um mercado de trabalho mais dinâmico e moderno.

A funcionalidade da concentração industrial é visível, contudo, a partir de um certo estágio de desenvolvimento industrial, com a formação de pólos interiorizados, capazes de sustentarem uma redistribuição das atividades econômicas, evitando possíveis deseconomias de aglomeração e gerando novos focos de irradiação do desenvolvimento. Trata-se de uma estratégia oportuna, e, para que haja uma desconcentração industrial promotora do desenvolvimento social, é necessário que se leve em consideração, também, a qualificação de mão-de-obra, o sistema de saneamento, o abastecimento de energia, água e transporte nesses municípios-pólos.

Assim foram gestados novos pólos econômicos e industriais no Estado:

- **Pólo Calçadista** - A Bahia consolida o seu pólo calçadista. Mais de 30 empresas já se instalaram (ou estão se instalando) no Estado, incluindo unidades de montagem e de componentes, espalhadas por cidades no interior, como Itapetinga, Cruz das Almas, Amargosa, Itabuna, Juazeiro e Jequié.
- **Pólo Automotivo** - O Estado, a partir da vinda da Ford, vem atraindo novas indústrias ligadas ao setor automotivo, além de um conjunto de empreendimentos que vêm se instalando, ou ampliando sua capacidade de produção no Estado, para atender às demandas geradas pela Ford. Exemplo dessa tendência é a *Pirelli*, instalada em Feira de Santana.

- **Pólo Náutico** - O Governo da Bahia vem concentrando esforços para inserir o Estado na privilegiada rota do turismo náutico internacional. Para isto vem promovendo cursos ligados ao setor náutico e incentivando a instalação de oficinas e fábricas deste setor.
- **Pólo Cerâmico** - O Governo está projetando um pólo cerâmico na Bahia, numa área que vai de Camaçari ao município de Alagoinhas, cujo subsolo é rico em argila, feldspato e caulim. A proposta de criação desse pólo ganha força, considerando-se a qualidade e a grande variedade de argilas e outros insumos disponíveis no solo baiano. Segundo estudos da *Companhia Baiana de Pesquisa Mineral* (CBPM), as reservas baianas são ricas em: magnesita, calcário, caulim, anortosito, argila, argilito, quartzito e feldspato. O Estado possui reservas de argila suficientes para suprir as fábricas instaladas na região. Além disso, dispõe de insumos e energia necessários aos processos industriais, de queima, que envolvem a cerâmica.
- **Setor Químico e Petroquímico** - Este setor é um dos mais importantes da economia baiana, sendo responsável por 47% da produção industrial do Estado, além de representar 18% dos investimentos privados na Bahia. O *Pólo Petroquímico de Camaçari* é o maior do gênero em todo o Hemisfério Sul, respondendo por 35% da produção petroquímica no Brasil.
- **Pólo de Papel e Celulose** - Esta indústria é a que mais cresce na Bahia, devido às condições naturais favoráveis do Sul do Estado, possibilitando o cultivo do eucalipto. O Estado tem uma plantação extensiva de floresta, que corresponde a 341.000 hectares plantados e 2 milhões de hectares disponíveis.
- **Pólo Sisaleiro** - O Brasil é o maior produtor de fibra de sisal do mundo, respondendo por uma fatia de 40% do mercado do material, que artesãos e pequenas indústrias transformam em tapetes, carpetes e cestos náuticos. O Governo da Bahia está investindo na formação de um pólo sisaleiro, que agregue valor ao sisal e facilite a ampliação do espaço já ocupado nos mercados internacionais, especialmente o europeu e americano, onde as fibras naturais como o sisal tem boa aceitação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se dizer que os novos pólos industriais baianos têm um importante papel no processo de reorganização do espaço baiano, visto que o insere no processo de globalização. Contudo, esse espaço não se encontra uniformemente inserido nesse processo, vez que as tecnologias necessárias não se encontram igualmente distribuídas no território baiano, sem que desenvolvam uma profunda relação política, econômica e social com o seu entorno.

Na verdade, pode-se falar de “ilhas de modernidade” que pontuam esse espaço e, ao mesmo tempo, cercam-no os chamados “bolsões de miséria”, em consequência das ações dirigidas para o mercado externo em detrimento do mercado interno, que possui um baixo poder de consumo.

É importante que se faça uma distinção entre crescimento econômico e desenvolvimento econômico, já que o segundo passa, antes de tudo, pela questão social, e o primeiro se preocupa, apenas, com o crescimento do PIB e PNB.

É perceptível que não há por parte do Governo uma preocupação em amenizar os problemas sociais das regiões ocupadas por pólos industriais, objetivando apenas o lucro excessivo e a melhoria dos seus índices econômicos nas estatísticas nacionais e mundiais.

Dessa forma, pode-se dizer que houve no Estado uma “modernização conservadora”, embora o perfil econômico tenha sido modificado pelas inovações tecnológicas, mantiveram-se as mesmas estruturas políticas e sociais, acirrando-se as desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Pinto de. **Notas sobre o enigma baiano**. Salvador: CPE, 1958. 30 p. (Desenvolvimento econômico regional, 2).

PROGRAMA Estratégico de Desenvolvimento Industrial do Estado da Bahia. Salvador: FIEB/SIEB, Governo da Bahia. 1998.

UDERMAN, Simone & MENEZES, Vladson. O Novo Ciclo de Industrialização da Bahia. In: SUPERINTENDÊNCIA de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. A indústria baiana nos anos 90. Salvador: SEI, 1998. p. 91 – 100.